



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

IDERLÂNIA COSTA SOUZA

**MÓDULO DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE INFERÊNCIAS NO ENSINO
FUNDAMENTAL**



São Cristóvão - SE
2019

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
PARA INICIAR	5
ORGANIZAÇÃO DO MÓDULO DIDÁTICO	8
Oficina: Provérbios populares.....	13
Oficina 1 (A) - Piada.....	15
Oficina 1 (B) - Piada.....	16
Oficina 2 (A) – Crônica.....	17
Oficina 2 (B) - Crônica.....	20
Oficina 3 (A) - Fábula.....	22
Oficina 3 (B) - Fábula.....	25
PALAVRAS FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

Apresentação

Prezado (a) Professor (a),

Salienta-se que um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa é capacitar o estudante para que seja capaz de empregar a língua de forma adequada as diversas situações de interação social. Diante do exposto, a escola deve criar mecanismos para que os discentes possam utilizar as modalidades oral e escrita da língua de modo significativo nas diferentes esferas de comunicação humana. Nesse contexto, é preciso que o ensino de Língua Portuguesa seja alicerçado no ensino-aprendizagem dos variados gêneros textuais os quais circulam em nossa sociedade, porque amplia a compreensão linguística e discursiva dos estudantes, visto que envolve diversas formas de participação social que eles podem adquirir fazendo uso da linguagem.

Nesse sentido, ressalta-se ainda que o professor precisa estimular o discente a fazer o uso da leitura e da escrita, dentro e fora do ambiente de sala de aula demonstrando através de práticas de leitura e escrita de diversos gêneros com temáticas pertencentes ao contexto sociocultural do aluno que a linguagem não é apenas saber usar aos mecanismos linguísticos, mas, à compreensão do co-texto articulada a todo seu conhecimento de mundo.

Por meio dessas observações, foi desenvolvido uma pesquisa de intervenção, no qual a experiência inicial foi realizada numa turma de 7º ano do Ensino Fundamental, anos finais, de um colégio estadual, localizado em Muribeca-SE, pois os estudantes dessa turma têm dificuldade em compreender o que leem, ficando muitos vezes apenas no nível da decodificação, ou seja, no nível superficial de leitura.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é contribuir com as práticas docentes que estão direcionadas a construção da habilidade de desenvolver a inferência nos estudantes do ensino fundamental (anos finais). Através de estratégias que favoreçam o desenvolvimento de inferências por estudantes do 7º ano do ensino fundamental e para isso, foi organizado um Módulo Didático que atenda às necessidades de estudantes de diferentes faixas etárias, pois, a turma foco da pesquisa tem uma realidade idade-série entre 12 a 19 anos.

A pesquisa desenvolvida segue as orientações do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) o qual tem como objetivo a formação de professores do Ensino Fundamental na área de Língua Portuguesa, desenvolvendo no final da formação um objeto de aprendizagem (material didático) que foi elaborado a partir de um problema detectado pelo

professor-pesquisador nas aulas de Língua Portuguesa para com isso, ser replicado por outros professores com turmas com características similares ou não.

Este Módulo Didático é fruto da aplicação de uma sequência de atividades de trabalho com as inferências socioculturais, pois os fatores sociais e culturais estão envolvidos no processo inferencial que integra a compreensão textual. Dividido em três seções, apresenta-se na introdução, uma fundamentação teórica que explicitam conceitos e reflexões sobre a inferência; em um segundo momento, seguem as ações didáticas, que trazem todas as atividades desenvolvidas no Módulo Didático (*Jogo dos provérbios, inferência em piada, inferência em crônica e inferência em fábula*) e por fim, as palavras finais trazem sobre o trabalho desenvolvido.

Espera-se que este Módulo Didático seja relevante como material de didático para os professores de Língua Portuguesa e demais interessados e que, dessa forma, possa contribuir com a prática docente, promovendo um ensino/aprendizagem dos estudantes no que se refere ao desenvolvimento da habilidade de fazer inferências.

Um abraço!

Para iniciar...

A apresentação detalhada das atividades desenvolvidas no Módulo Didático visa favorecer a compreensão de alguns aspectos que estão relacionados à inferência sociocultural.

A proposta foi trabalhar o estudo da inferência sociocultural na compreensão leitora por meio do desenvolvimento de um Módulo Didático, organizado em três etapas: problematização inicial; organização do conhecimento e aplicação dos conhecimentos. Cada etapa foi alicerçada em gêneros e temáticas diferentes. A primeira etapa, problematização inicial, traz os provérbios populares; a segunda, organização do conhecimento, aborda os gêneros piada e crônica e por fim, na aplicação dos conhecimentos, a fábula é trabalhada.

É importante destacar que a turma foi dividida em dois grupos. O grupo A que abarca estudantes de 12 a 14 anos e o grupo B composto por discentes de 15 a 19 anos pois, os estudantes têm uma realidade idade-série entre 12 a 19 anos sendo assim, as temáticas dos gêneros trabalhos precisam ser adequadas ao nível sociocognitivo dos discentes. Como referencial teórico-prático, para a construção dos exercícios que compõe o Módulo Didático, optou-se por Colomer e Camps (2002) e Dell'Isola (2001). Os estudos de Colomer e Camps (2002) propõem a elaboração de exercícios que visam promover a compreensão leitora por meio da elaboração de inferências.

Já a autora Dell'Isola (2001) colabora com o suporte teórico relativo à inferência sociocultural e ainda propõe questões de três tipos: as objetivas, inferenciais e avaliativas. Tais questões estão em uma gradação de complexidade. As objetivas possibilitam a extração de informação. As inferenciais solicitam do estudante o acionamento de conhecimentos de mundo (socioculturais) para estabelecer a compreensão de um conhecimento novo. E as avaliativas fazem com que o estudante avalie, julgue e questione as informações do texto.

A inferência

Dell'Isola (2001), em seu livro *Leitura: inferências e contexto sociocultural*, ressalta que no processo de construção de sentido na leitura ocorrem processos inferenciais, revelados como conclusão de um raciocínio, da elaboração de pensamento ou expectativa. Assim, pode-se dizer que as inferências ocorrem na mente do leitor e se desenvolvem durante ou após a leitura, ou seja, o texto estimula a geração de inferências.

Para a geração de inferência, torna-se imprescindível não só o conhecimento intratextual, mas a interação deste com o conhecimento de mundo do leitor (extratextual), e isso permite criar uma rede de possibilidades de significados durante a leitura que preenche os vazios (não ditos) do texto.

Vê-se que a compreensão de texto é complexa também para o professor. Na experiência profissional desta pesquisadora, vivida até o início do Mestrado Profissional em Letras, não houve oportunidade para o aprofundamento de todos os elementos implicados no desenvolvimento de inferências. Isso porque envolve conhecimentos linguísticos, antropológicos e factuais, entre outros, posto que as inferências inter-relacionam esses conhecimentos e muitos outros aspectos.

Como frisado por Marcuschi (2008), a atividade inferencial é complexa e não é um mecanismo natural, por isso devem ser ensinadas estratégias para que os leitores aprendizes, quer dizer, os estudantes, saibam fazer inferências, isto é, articular conhecimentos (linguísticos, sociocognitivos, contextuais) na interação com o texto. Já para Coscarelli (2002, p. 2), “[...] inferências são operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto [...]”. Nesse conceito, a autora deixa claro que a compreensão é o resultado da associação das informações concedidas pelo texto com o conhecimento do leitor. Ainda é importante destacar que, para Fernandes (2015), a inferência é um recurso cognitivo importante para o processo de construção de sentido.

Por ser uma atividade tão complexa, a inferência é um componente da compreensão de textos que necessita ser estudada e trabalhada em sala de aula pelos professores, com o objetivo de desenvolver estratégias que ajudem os estudantes a fazer inferências de diferentes tipos. Assim, nesta pesquisa optou-se por um trabalho com as inferências socioculturais, pois os fatores sociais e culturais estão envolvidos no processo inferencial que integra a compreensão textual.

Segundo Dell’Isola (2001), o contexto é importante para a geração de inferências, no entanto, o seu conceito ainda não tem uma definição exata nos estudos linguísticos como também, em pesquisas sobre inferências. Desse modo, a autora expõe cinco tipos de contextos que vêm sendo investigados que são: cultural; situacional; instrumental; verbal; pessoal.

Por contexto cultural entende-se que é formado por convenções culturais e convenções de comunicação que influenciam na compreensão textual. Com isso, depreende-se que o contexto cultural é um fundamento usual para compreensão. O conhecimento sobre a cultura fornece ao leitor/ouvinte o conhecimento para extrair as inferências que são necessárias para a compreensão do texto.

Sobre o contexto situacional, Dell’Isola (2001) afirma que as ilustrações contidas no texto podem influenciar a leitura, facilitando ou não no desenvolvimento das inferências uma vez que, gera uma interpretação coerente ou fornece dados para tal. O contexto instrumental também é ressaltado pela autora ao afirmar que esse contexto “[...] diz respeito às formas pelas quais o texto pode ser recebido por um indivíduo (DELL’ISOLA, 2001, p. 96).

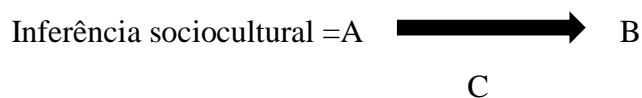
Com relação ao contexto verbal, entende-se que todo o conteúdo linguístico está a serviço da compreensão textual e como tal deve ser internalizado pelo leitor/ouvindo para assim, no

processo mental extrair as informações do texto a partir das combinações de todo conteúdo linguístico.

O último tipo de contexto que foi investigado e relatado por Dell'Isola (2001) é o contexto pessoal, que envolve todos os conhecimentos, atitudes e fatores emocionais do leitor/ouvinte para a compreensão do texto.

A inferência sociocultural, portanto, é aquela no qual uma informação nova é extraída de informação anterior e inserida em um determinado contexto. “A informação nova origina-se do contato com o texto, relacionado à identificação da classe social, às experiências, à formação individual e social e à vivência do leitor. Essa informação produzida retorna ao contexto que lhe deu origem” (DELL' ISOLA, 2001, p. 106). Como pode ser visualizado na figura 1, proposto por Rickheit et al. (1985 *apud* Dell' Isola 2001).

Figura 1- Inferência sociocultural



Fonte: Dell' Isola (2001, p.107).

Na figura 1, A é a informação anterior fornecida pelo texto, B é a informação nova que é inferida pelo leitor e C é um contexto que dá condição para a produção de leitura, configurando, assim, o processo de geração da inferência.

Para Dell'Isola (2001), há processos decisivos que compõem o mecanismo da leitura que são: decodificação, compreensão, inferenciação, avaliação e retenção na memória. Ao retomar as generalizações, propostas por Clark (1985 *apud* Dell'Isola, 2001, p. 108), Dell'Isola (2001) identifica três níveis de inferência sociocultural:

- 1ª) compreensão do texto e sua interferência na extração de inferências;
- 2ª) inferenciação fundamentada em conhecimento compartilhado;
- 3ª) inferenciação que envolve percepção afetiva e avaliação como consequência de julgamentos sociais.

A autora informa que esses três níveis compõem a inferência sociocultural de forma unificada, uma vez que são inerentes ao conhecimento de mundo e estão associados às diferenças de classe social. Assim, não existe uma separação perceptível entre um nível e outro, todos sofrem interferência do contexto sociocultural no processo de leitura desde a compreensão até a avaliação textual, por isso, não se pode precisar quando a inferência ocorre. O que se sabe é a necessidade de verificação da influência do contexto sociocultural no processo da leitura e compreensão.

Organização do Módulo Didático

Na primeira etapa do módulo, problematização inicial, foram promovidas atividades que incitaram os estudantes a perceber a importância social do elemento linguístico: inferência. Para assim, ajudá-los a perceber que a falta da habilidade em fazer inferências gera compreensões equivocadas, por isso foram expostos provérbios em classe para que os estudantes percebam as diversas possibilidades interpretativas e como o choque de compreensões promove o humor, bem como a incompreensão, em muitas situações sociais.

O gênero que foi trabalhado nessa etapa são os provérbios populares. Esse gênero apresenta forte valor cultural, pois uma de suas funções é mostrar a sabedoria popular em relação às indagações e experiências humanas. Nesse sentido, esse gênero oferece a possibilidade de ser empregado em diversas situações da vida, um conselho, crítica a algum comportamento, etc. Assim, esse gênero, que está presente no cotidiano do estudante, pode ser discutido e trabalhado no contexto escolar.

O jogo elaborado pela professora-investigadora, intitulado *Jogo dos provérbios*, tem por objetivo trabalhar o gênero provérbio e suas possibilidades significativas. A intenção do jogo é ser trabalhado como “atividade fim” do estudo do gênero provérbio, explorando a sua linguagem figurada, o que possibilita várias inferências feitas pelos estudantes.

Nessa conjuntura, para que os estudantes notem que a compreensão leitora pode ser comprometida pela não detecção do que está implícito, é preciso promover atividades que os façam passar por situações que instiguem a investigação do valor da inferência na sociedade, pois assim eles podem perceber que não inferir é um problema social que ocasiona o não entendimento dos textos, como também do contexto em que os estudantes estão inseridos.

Na etapa da organização do conhecimento, foram trabalhados na primeira oficina, exercícios que desenvolveram a habilidade em fazer inferência nos estudantes. Primeiramente, foi visto conceitos fundamentais sobre o gênero piada, sua tipologia, a construção composicional e seu suporte, bem como uma breve discussão sobre inferência. A piada foi escolhida por ser um gênero que está no cotidiano dos estudantes estando vinculado às suas práticas sociais da comunidade escolar. As duas piadas selecionadas são de autores desconhecidos e circulam nos suportes digitais, como Whatsapp, Facebook, como ainda no contexto de sala de aula.

As piadas foram retiradas do *site* Piadas curtas. A primeira, aborda questões familiares encabeçada por Joãozinho, personagem infanto-juvenil típico de várias piadas brasileiras. A segunda, apresenta como personagem uma figura política, não nomeada, em uma praia e a mesma

é questionada sobre suas atribuições profissionais de forma bem descontraída. As temáticas das piadas selecionadas estão presentes na realidade social dos estudantes, sendo pertinentes para serem trabalhadas no Módulo Didático. A piada de Joãozinho é destinada ao grupo A, de faixa etária entre 12 a 14 anos, por abordar questões do nível familiar, incluindo uma figura infanto-juvenil para problematizar questões familiares. A piada do político é indicada ao grupo B, de faixa etária entre 15 a 19 anos, por tratar de uma questão relacionada a uma problemática social e ainda ao contexto político em que o Brasil está vivenciado na atualidade.

O segundo gênero trabalhado foi a crônica. Esse gênero foi escolhido porque são textos curtos, com linguagem simples e que em sua essência aborda questões do cotidiano com reflexões sobre o mesmo. Ao escrever, os cronistas buscam envolver os leitores, fazendo um convite à reflexão sobre situações do cotidiano, assim o estudante pode mergulhar na narrativa e posicionar-se diante das atitudes dos personagens. As características do gênero fazem com este seja imprescindível no trabalho com as inferências socioculturais já que, os estudantes têm que se posicionar, como foi dito anteriormente, ou seja, inferir sobre os acontecimentos narrados.

As duas crônicas escolhidas foram do autor Moacyr Scliar intituladas “Bruxas não existem” e “Cobrança”. A primeira, trabalhada no grupo A, usa a credence popular para tratar de preconceitos e empatia em uma abordagem memorialista criando a imagem dos personagens no decorrer da leitura tendo com isso, a visualidade como sendo importante para instigar a leitura. Sendo um texto breve percebe-se que o autor usa das palavras do cotidiano para caracteriza as cenas e personagens. Assim, o cronista consegue entreter o leitor com intensidade, pois há uma quebra de expectativa no clímax da narração fazendo com que haja uma identificação do leitor com o enredo, pois quem nunca julgou sem conhecer.

A segunda crônica escolhida, destinada ao grupo B, trabalha em um tom humorístico questões relativas ao papel social dos personagens. Pretende-se que ao discutir e analisar a partir de questões motivadoras, os estudantes consigam relacionar os contextos explicitados no texto a sua realidade para com isso, agirem de maneira avaliativa perante o propósito comunicativo do texto. Ao ressaltar o suporte em que foi publicada a crônica (Folha de São Paulo em 24/09/2001), os estudantes podem perceber as nuances do texto, já que é possível relacionar a crise de 2011 ocorrida em Nova York nos Estados Unidos a crise financeira e política que o Brasil enfrenta na atualidade. Para assim, associar se no contexto atual as pessoas compram em demasia mesmo não recebendo o suficiente para quitar suas dívidas. Pois o dever, nesse caso profissional, deve estar acima do lado pessoal.

“Cobrança” é uma crônica que prima pelo diálogo, tal característica deixa evidente a concisão como foi descrita a narrativa usando palavras exatas em períodos curtos para demonstrar o temperamento do personagem cobrador/marido da devedora. Cria-se também, a partir da

descrição das cenas a imagem dos personagens como ainda do espaço e objetos causando ao leitor uma identificação com a obra e a percepção do tom humorístico para expor a crítica social supracitada. Mesmo a obra caracterizando um contexto específico, não deixa de ser uma temática atual e relevante no que tange à abordagem dos papéis sociais do “homem” em cada ambiente de interação social (familiar, profissional, escolar, dentre outros) sendo assim, um papel social não pressupõe o outro, mas podem entrar em conflito.

Os exercícios que compõem a segunda etapa seguem os modelos propostos por Colomer e Camps (2002) e foram delimitados três tipos. O primeiro é relativo à separação entre informações relevante e não relevante, em que o estudante preenche um quadro com hipóteses a partir do título e as verifica após a leitura do texto. O segundo, refere-se à relação entre as partes do texto (considerando a construção composicional dos gêneros), representada por meio de um diagrama. O terceiro destina-se à relação de causa e consequência, por meio da representação em blocos de informações, que são organizados em diagramas que devem ser preenchidos pelos após a leitura dos materiais.

Além dos exercícios citados anteriormente, foram seguidos os três tipos de perguntas, as de extração de informação, como também as que extrapolam as questões de inferência e adentram na avaliação. Tal tipologia foi baseada nos estudos de Dell’Isola (2001) e são descritas como: perguntas objetivas, de conhecimento extraído pelo texto; perguntas inferenciais, baseadas nos conhecimentos, experiências individuais; perguntas avaliativas, que envolvem avaliação/julgamento de informação fornecida pelo texto.

Para a **última etapa, de aplicação dos conhecimentos**, foi escolhida a fábula para compor essa etapa, porque é um gênero com o qual os estudantes estão familiarizados, visto que é trabalhado nos livros didáticos desde as séries iniciais. No entanto, percebe-se que as atividades relativas a esse gênero, no livro didático utilizado em sala de aula, se restringem a questões de identificação de características das personagens e de análise dos elementos constitutivos do gênero. É preciso enfatizar também o fato de as questões inferenciais, que são importantes para a compreensão leitora, quase não estarem presentes no livro. Para iniciar essa etapa, será retomado o conceito do gênero fábula e sua tipologia, a construção composicional e a contextualização dos autores das fábulas escolhidas.

A fábula é uma composição literária em que os personagens são animais que agem como se fossem seres humanos. No final, sempre há um ensinamento inspirado pela história que é chamado de “moral”. Os textos escolhidos para serem trabalhados são de Millôr Fernandes intitulados “O rei dos animais” e “A morte da tartaruga”, salienta-se que as fábulas de Millôr são consideradas modernas, pois em algumas os personagens que agem são seres humanos e não animais, no entanto, a história termina com uma moral, tal como as fábulas antigas.

A fábula “A morte da tartaruga”, que é destinada ao grupo a, narra o episódio em que uma criança fica consternada com a morte de sua tartaruga de estimação. Mesmo com a sua mãe tentando consolá-lo de várias formas, a criança nomeada de Henriquinho não cessa a chorar. A situação só é revertida quando o pai do garoto sugere uma solução inusitada. É perceptível que na fábula o autor trabalha com exatidão das palavras fazendo com que o texto seja conciso e objetivo. No decorrer da leitura, o leitor pode visualizar os acontecimentos uma vez que, cria-se imagens ao longo da narrativa assim, em um tom irônico o autor quebra a expectativa do leitor em seu desfecho. Com isso, esse texto coloca em cheque os valores humanos como o egoísmo, por isso esse texto é importante para o trabalho em sala de aula e desse modo pretende-se que o discente consiga identificar-se com o propósito comunicativo da fábula relacionando-a ao seu contexto em um processo inferencial.

Na fábula intitulada “O rei dos animais”, destinada ao grupo B, o autor usa características humanas para dar vida aos personagens que são animais e desse modo, narra a evolução da “sociedade” animal fazendo uma relação inferencial com a sociedade humana. De maneira concisa o fabulista trabalha ainda a exatidão nas palavras para caracterizar os personagens de modo a tornar o texto essencialmente visual. Espera-se que o estudante perceba que há uma quebra/ruptura na expectativa do enredo, pois o leitor é levado a crer que todos os animais irão “aceitar” o leão como rei, no entanto o elefante rompe isso desafiando/atacando o rei da floresta. E mesmo sendo vencido pelo elefante, a vaidade e o interesse do personagem não o deixou admitir que não é o mais forte para assim, se manter como o rei da floresta. O que demonstra o caráter universal da obra e o quanto ela é inferencial.

Para finalizar essa etapa, a professora-investigadora trabalhou com a reescrita das crônicas e fábulas trabalhadas na etapa anterior e nessa última etapa. Na atividade, os estudantes tiveram que reescrever os desfechos das crônicas e fábulas, seguindo o enredo da história e as sugestões propostas pela professora nas atividades. Em seguida, foram verbalizadas para seus colegas, em classe, seus desfechos construídos, ressalta-se que os estudantes têm a autonomia em fazer inferência. Posteriormente, a professora fez uma comparação com os textos originais para que os estudantes verifiquem se suas inferências são possíveis a partir das pistas textuais propostas anteriormente pelo autor. Essa atividade tem o propósito de mostrar ao estudante que as inferências produzidas por eles em sua escrita estão totalmente relacionadas às suas vivenciadas e aos preceitos socioculturais e por fim, as produções dos estudantes foram postadas no Blog *Novas possibilidades significativas: o trabalho com a leitura em sala de aula* do colégio foco da pesquisa, o CEAB, tal atividade tem por objetivo mostrar a relevância social do ato da leitura e disseminar a produção escrita dos envolvidos.

Organização das atividades do MÓDULO DIDÁTICO

Oficinas	Atividades	Material utilizado	Duração	Objetivos da oficina
Provérbios populares	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discussão sobre inferência; ✓ Aplicação do <i>Jogo dos provérbios</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tabuleiros para o jogo; ▪ Dados; ▪ Envelopes com os provérbios selecionados. 	1 hora/aula	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Trabalhar o gênero provérbio e suas possibilidades significativas.
Inferência em piada e Inferência em crônica	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalho com atividades de duas piadas as quais não têm título nem autores conhecidos; ✓ Trabalho com atividades alicerçadas em duas crônicas: <i>As bruxas não existem e Cobrança, ambas do autor Moacyr Scliar</i>; ✓ Reescrita dos desfechos das crônicas trabalhadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópia do exercício. 	3 horas/aula	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a evolução dos alunos no uso da inferência; ❖ Reconhecer o desenvolvimento da habilidade de gerar inferências; ❖ Propiciar a produção de texto como recurso para o ensino da compreensão leitora.
Inferência em fábula	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalho com atividades embasadas nas fábulas <i>A Morte da tartaruga</i> e <i>O rei dos animais</i> de Millôr Fernandes; ✓ Reescrita dos desfechos das fábulas trabalhadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópia do exercício. 	2 horas/aula	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a evolução dos alunos no uso da inferência; ❖ Reconhecer o desenvolvimento da habilidade de gerar inferências; ❖ Propiciar a produção de texto como recurso para o ensino da compreensão leitora.

oficina: Provérbios populares

JOGO DOS PROVÉRBIOS

APRESENTAÇÃO

Os provérbios apresentam forte valor cultural, pois uma de suas funções é mostrar a sabedoria popular em relação às indagações e experiências humanas. Nesse sentido, esse gênero oferece a possibilidade de ser empregado em diversas situações da vida, um conselho, crítica a algum comportamento etc. Sendo assim, esse gênero, que está presente no cotidiano do aluno, pode ser discutido e trabalhado no contexto escolar.

O “**jogo dos provérbios**” tem por objetivo trabalhar o gênero provérbio e suas possibilidades significativas. A intenção é que possa ser trabalhado pelo professor como “atividade fim” do estudo do gênero provérbio, explorando a sua linguagem figurada, o que possibilita várias inferências feitas pelos estudantes.

ORGANIZAÇÃO

Os alunos poderão jogar em duplas ou em equipes. O professor levará para a sala de aula um tabuleiro e dado. É necessário que ele confeccione um tabuleiro gigante para que os estudantes possam caminhar pela sua superfície. O tabuleiro deve ter 20 “casas” numeradas, algumas em que se permita avançar posições e outras que se façam retroceder. Cada espaço referente às “casas” terá um provérbio para ser completado ou a indicação de avançar ou retroceder uma ou mais casas a partir do lançamento do dado. Quem chegar primeiro ao final e completar adequadamente o último provérbio passará para a próxima etapa do jogo. Assim, acontecerá com os demais jogadores.

A segunda etapa do jogo pode ser realizada pelo aluno que finalizou a fase anterior ou ainda, um ou mais componentes de sua equipe. Estarão dispostos em uma mesa vários envelopes contendo diversos provérbios. O estudante terá que escolher cinco deles e subvertê-los a partir do sentido/ensinamento original, isto é, o aluno terá que reconstruir o provérbio com o sentido oposto. Por exemplo: Para o provérbio “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, construir “Muito melhor ter vários pássaros na mão do que nenhum”. Ressalta-se que em todas as etapas

do jogo o professor com a ajuda dos alunos que não estejam jogando, naquela rodada, deve fazer a mediação do jogo.

REGRAS

Fase 1: Tabuleiro

Os jogadores saem da casa de número 1, iniciando aquele que obtiver a maior pontuação no dado. A cada jogada, o dado é lançado novamente e o aluno percorre a quantidade correspondente, avançando ou retrocedendo, de acordo com os dizeres da “casa” em que estiver. O jogador perde a chance de avançar no jogo se por ventura não souber completar corretamente o provérbio assim, passando a vez a outro jogador. Passa para a próxima fase do jogo quem chegar primeiro à última “casa” respondendo a de pergunta final. Ao final, quem tirar um número que ultrapasse a última “casa”, ao jogar o dado, terá de voltar a quantidade que tirou a mais.

Fase 2: Subversão

Em uma mesa o aluno escolherá cinco envelopes contendo um provérbio para subverter o sentido original, quer dizer, o aluno terá que conhecer o provérbio para, assim, conseguir expor o sentido oposto. Aquele que errar perderá 2 minutos de jogo e somente depois desse tempo poderá prosseguir, descartando o provérbio sorteado e escolhendo outro. Ganha o jogo o aluno ou equipe que conseguir finalizar a segunda fase.

Oficina 1 (A): Piada

O Joãozinho aproxima-se da cama do avô e pede:

👤 — Vovô! Feche os olhos, um pouquinho!

👁️ — Mas por quê?

👤 — Porque a mamãe falou que quando o senhor fechar os olhos, nós vamos ficar ricos!

<https://www.piadascurtas.com.br/>



1. Qual o motivo de Joãozinho em pedir para o avô fechar os olhos?

2. Para você, o que significa a expressão “quando você fechar os olhos”?

3. Quais os sentidos possíveis para a expressão “fechar os olhos” dita pela mãe?

4. Complete o quadro com as ações do texto.

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
Joãozinho se aproxima da cama.	
	O avô questiona Joãozinho
O garoto fala ao avô o que a mãe disse.	

5. Dê duas características das personagens abaixo:

Características psicológicas	Joãozinho		
	Avô		
	Mãe de Joãozinho		

6. A piada causou risos em você? Por quê?

Oficina 1 (B): Piada

Um político está tranquilamente tomando sol na praia, quando uma bela senhora se aproxima:

- Olá, o que o senhor faz por aqui ? ?

O homem, querendo mostrar que políticos também podem ter veia poética, responde com ar conquistador:

- Roubando raios de sol...☹️☹️

A mulher, sorrindo e balançando a cabeça, diz:

- Ah... vocês, políticos, sempre trabalhando...😁😁👍

<https://www.piadascurtas.com.br/>



1. O que o político estava fazendo na praia?

2. Apresente dois sentidos diferentes para a pergunta da mulher ao político?

3. O narrador descreve que o político respondeu a senhora com um “ar conquistador”. O que isso quer dizer?

4. O que a mulher quis dizer com “vocês, políticos, sempre trabalhando”?

5. Complete o quadro com as ações do texto.

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
O político na praia.	
	A mulher, sorrindo e balançando a cabeça.

6. Dê duas características das personagens abaixo:

Características psicológicas	Político		
	Senhora		

7. A piada causou risos em você? Por quê?

Oficina 2 (A): Crônica

Bruxas não existem

Por: Moacyr Seliar

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizessemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!".

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

- Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.



1. Preencha o quadro abaixo.

Considerando o título, do que trata o texto?	Ideias conhecidas antes da leitura	Ideias conhecidas depois da leitura
Hipótese 1		
Hipótese 2		

2. Por que o narrador personagem e seus amigos acreditavam em bruxas?

3. Como o narrador e seus amigos incomodavam a “bruxa”?

4. Complete o quadro com as ações do texto.

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
Encontraram um bode morto na rua.	
	Enfiou o pé no buraco.
A senhora agachou e examinou a perna	

5. Quem era a personagem Ana Custódio?

6. Dê duas características das personagens abaixo:

Características psicológicas	Ana Custódio		
	Narrador personagem		

7. Por que o Ana Custódio ajudou o narrador personagem?

8. No final da crônica o garoto deixou de acreditar em bruxas, por quê?

9. Na sua opinião as atitudes do garoto e seus amigos eram corretas, por quê?

10. Formule desfechos alternativos para a crônica considerando as ideias abaixo:



Se Ana Custódio não ajudasse o garoto quando enfiou o pé no buraco e descarregasse toda sua fúria devido a travessura do menino e sua turma...



Se a turma do garoto o ajudasse quando ele enfiou o pé no buraco...

Oficina 2 (B): Crônica

Cobrança

Por: Moacyr Scliar

★Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida. - Cotidiano, 10.set.2001. *Folha de S.Paulo*

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: "Aqui mora uma devedora inadimplente".

- Você não pode fazer isso comigo -protestou ela.

- Claro que posso -replicou ele. - Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

- Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

- Já sei - ironizou ele -. Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

- Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

- Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a choviscar.

- Você vai se molhar - advertiu ela -. Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

- E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

- Posso lhe dar um guarda-chuva...

- Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

- Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

- Sou seu marido - retrucou ele - e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca o meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para o outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

1. Preencha o quadro abaixo:

Considerando o título, do que trata o texto?	Ideias conhecidas antes da leitura	Ideias conhecidas depois da leitura
Hipótese 1		
Hipótese 2		

2. Por que o narrador personagem carregava um cartaz?

3. A mulher afirma que não pagou a dívida por causa da crise. De que crise ela está falando? Você acha que o nosso país está em crise também?

4. Complete o quadro com as ações do texto.

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
Ela abriu a janela.	
	Não era possível ler o cartaz.

5. Dê duas características das personagens abaixo:

Características psicológicas	O Cobrador		
	A Mulher		

6. Por que o cobrador estava tão irritado com a mulher?

7. No final da crônica o homem afirmou que era cobrador profissional e sua mulher era uma devedora. Na sua opinião o homem agiu corretamente em cobrar a sua esposa, por quê?

8. Formule desfechos alternativos para a crônica considerando as ideias abaixo:



Se o cobrador não agisse de maneira profissional e não cobrasse a sua mulher...



Se o cobrador não utilizasse o cartaz para fazer a cobrança...



Oficina 3 (A): Fábula

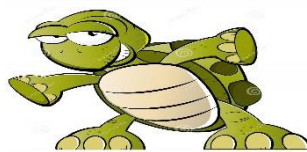
A MORTE DA TARTARUGA

Por: Millôr Fernandes

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. “Cuidado, senão você acorda seu pai.” Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu, por fim, uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.

Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: “Está aí assim há duas horas, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faço. Já lhe prometi tudo, mas ele continua berrando desse jeito”. O pai examinou a situação e propôs: “Olha, Henriquinho, se a tartaruga está morta, não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e venha cá com o papai”. O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto ao tanque e seguiu o pai pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garotinho no colo e disse: “Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava bastante dela. Porém nós vamos fazer para ela um grande funeral” (empregou a palavra difícil de propósito). O menininho parou imediatamente de chorar e perguntou: “Que é um funeral?” O pai explicou que era um enterro: “Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante velas, bombons e doces, e voltamos para casa. Depois, botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha, rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o “Happy-Birth-Day-To-You” pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu... Isso é que é um funeral! Vamos fazer isso?” O garotinho estava com outra cara: “Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela.” Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal: “Papai, papai, vem cá, ela está viva!” O pai correu para o quintal e constatou que era verdade, a tartaruga estava andando de novo, normalmente, e o pai disse: “Que bom, heim? Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral.” “Vamos sim, papai” – disse o menino ansioso pegando uma pedra bem grande – “Eu mato ela”.

MORAL: O importante não é a morte, e sim o que ela nos tira.



1. Preencha o quadro abaixo:

Considerando o título, do que trata o texto?	Ideias conhecidas antes da leitura	Ideias conhecidas depois da leitura
Hipótese 1		
Hipótese 2		

2. A Mãe ficou aborrecida com o choro do menino, qual o motivo?

3. Explique o sentido da expressão destacada em negrito, utilizada pelo narrador neste trecho: “ Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro e veio, **estremunhado**, ver de que se tratava’ ”.

4. Ao conversar com o filho, o pai usa a palavra “funeral”, e o narrador avisa que ele empregou de propósito uma palavra difícil. Qual a intenção do pai em usar uma palavra desconhecida pelo filho?

5. Complete o quadro com as ações do texto.

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
	O menininho foi ao quintal e voltou chorando.
	O garoto disse a mãe que queria aquela tartaruga viva.
O pai propôs em fazer um funeral para a tartaruga.	
A tartaruga estava viva e andando novamente.	

6. Dê duas características das personagens abaixo:

Características psicológicas	Mãe		
	Menino		
	Pai		

7. O funeral que o pai pretendia organizar era parecido com que tipo de evento?

8. No final da fábula, o Menino pega uma pedra e diz que mata a tartaruga. Qual o motivo de o garoto querer a tartaruga morta?

9. No final da fábula tem a moral. Você concorda que “**o importante não é a morte, e sim o que ela nos tira**”. Por quê?

10. Crie uma outra moral para a mesma fábula.

11. Formule desfechos alternativos para a fábula considerando as ideias abaixo:



Se a pai do menino não acordasse com o choro...



Se o pai propusesse fazer um funeral tradicional...

Oficina 3 (B): Fábula

O REI DOS ANIMAIS

Por: Millôr Fernandes

Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística, para verificar se ainda era o Rei das Selvas. Os tempos tinham mudado muito, as condições do progresso alterado a psicologia e os métodos de combate das feras, as relações de respeito entre os animais já não eram as mesmas, de modo que seria bom indagar. Não que restasse ao Leão qualquer dúvida quanto à sua realeza. Mas assegurar-se é uma das constantes do espírito humano, e, por extensão, do espírito animal. Ouvir da boca dos outros a consagração do nosso valor, saber o sabido, quando ele nos é favorável, eis um prazer dos deuses. Assim o Leão encontrou o Macaco e perguntou: "Hei, você aí, macaco - quem é o rei dos animais?" O Macaco, surpreendido pelo rugir indagatório, deu um salto de pavor e, quando respondeu, já estava no mais alto galho da mais alta árvore da floresta: "Claro que é você, Leão, claro que é você!"

Satisfeito, o Leão continuou pela floresta e perguntou ao papagaio: "Currupaco, papagaio. Quem é, segundo seu conceito, o Senhor da Floresta, não é o Leão?" E como aos papagaios não é dado o dom de improvisar, mas apenas o de repetir, lá repetiu o papagaio: "Currupaco... não é o Leão? Não é o Leão? Currupaco, não é o Leão?". Cheio de si, prosseguiu o Leão pela floresta em busca de novas afirmações de sua personalidade.

Encontrou a coruja e perguntou: "Coruja, não sou eu o maioral da mata?" "Sim, és tu", disse a coruja. Mas disse de sábia, não de crente. E lá se foi o Leão, mais firme no passo, mais alto de cabeça. Encontrou o tigre. "Tigre, - disse em voz de estentor -eu sou o rei da floresta. Certo?" O tigre rugiu, hesitou, tentou não responder, mas sentiu o barulho do olhar do Leão fixo em si, e disse, rugindo contrafeito: "Sim". E rugiu ainda mais mal humorado e já arrependido, quando o leão se afastou.

Três quilômetros adiante, numa grande clareira, o Leão encontrou o elefante. Perguntou: "Elefante, quem manda na floresta, quem é Rei, Imperador, Presidente da República, dono e senhor de árvores e de seres, dentro da mata?" O elefante pegou-o pela tromba, deu três voltas com ele pelo ar, atirou-o contra o tronco de uma árvore e desapareceu floresta adentro. O Leão caiu no chão, tonto e ensanguentado, levantou-se lambendo uma das patas, e murmurou: "Que diabo, só porque não sabia a resposta não era preciso ficar tão zangado".

M O R A L: CADA UM TIRA DOS ACONTECIMENTOS A CONCLUSÃO QUE BEM ENTENDE.



1. Preencha o quadro abaixo:

Considerando o título, do que trata o texto?	Ideias conhecidas antes da leitura	Ideias conhecidas depois da leitura
Hipótese 1		
Hipótese 2		

2. Mesmo o leão não tendo dúvida de sua realeza, qual o motivo da pesquisa?

3. Por que os personagens macacos, papagaio, coruja e tigre concordaram que o leão ainda é o rei da Selva?

4. Explique o sentido da expressão destacada em negrito, utilizada pelo narrador: “ ‘Coruja, não sou eu o maioral da mata?’ ‘Sim, és tu’, disse a coruja. **Mas disse de sábia, não de crente.** E lá se foi o Leão, mais firme no passo, mais alto de cabeça”.

5. Complete o quadro com as ações do texto.

CAUSA	CONSEQUÊNCIA
O leão encontrou o macaco.	
	O papagaio afirmou: - Não é o Leão?
Andando o leão encontra o tigre.	
	O leão leva uma surra.

6. Dê duas características das personagens abaixo:

Características psicológicas	Leão		
	Papagaio		
	Tigre		
	Elefante		

7. Por que o Elefante agiu de modo violento contra o Leão?

8. No final da fábula o Leão apanha do Elefante. Você acha que o Leão mudou de atitude depois da surra, por quê?

09. No final da fábula tem a moral. Você concorda que cada um retira dos acontecimentos a conclusão que bem entende, por quê?

10. Crie uma outra moral para a mesma fábula.

11. Formule desfechos alternativos para a fábula considerando as ideias abaixo:



Se todos os animais afirmassem que não consideravam o Leão como Rei da Selva...



Se o Elefante, assim como os outros animais, concordasse que o Leão é o Rei...

Palavras finais

O Módulo Didático apresentado foi desenvolvido para oferecer mais um recurso didático aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, a fim de contribuir com a prática docente no que se refere ao ensino da prática de leitura, especificamente, a inferência.

Salienta-se que como indicação de material os trabalhos de Colomer e Camps (2002), que apresentam estratégias para o desenvolvimento da compreensão leitora e propõem exercícios que possam promover essa compreensão; Dell’Isola (2001), que orienta o entendimento das inferências socioculturais e ainda propõe uma tipologia de questões para serem elaboradas e o documento interno do PROFLETRAS da Universidade Federal de Sergipe, *campus São Cristóvão, Produção de conhecimentos no Mestrado Profissional em Letras – Como elaborar cadernos pedagógicos e módulos didáticos?*, organizado por Azevedo (2018).

Destaca-se também, que professor deve criar estratégias para a leitura dos contos e análise dos pontos que subsidiam o desenvolvimento de leitores proficientes e da formação da competência literária. Espera-se que esse trabalho possa servir de apoio a muitos professores que buscam o auxílio didático de pesquisas como forma de incremento de suas aulas, e ao mesmo tempo, que este Módulo Didático desperte a inspiração de outros professores para a necessidade de investigar as dificuldades do discentes em sala de aula e também, trabalhar a partir delas desenvolvendo estratégias que tentem minimizar as dificuldades encontradas.

A autora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. **Produção de conhecimentos no Mestrado Profissional em Letras** – Como elaborar cadernos pedagógicos e módulos didáticos? 2018 (documento interno).

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSCARELLI, C. V. Reflexões sobre as inferências. **Anais do VI**. CBLA – Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Faculdade de Letras da UFMG, CD Rom, 2002.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

FERNANDES, Vilma Luíza Ruas. **Pausa protocolada na leitura: o ensinando a fazer inferências**. 2015. Dissertação. (Mestrado Profissional em Letras). Programa de Pós-Graduação. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.